

G

GAZETA
NOS
BAIRROS

ANDORINHAS



HISTÓRIA. O nome Andorinhas foi colocado pelos moradores porque, como havia muita vegetação no local, as árvores viviam repletas de aves dessa espécie. FOTOS: GABRIEL LORDÉLLO

O BAIRRO QUE CRESCEU EM CIMA DO MANGUE

DE ACORDO COM OS MORADORES ANTIGOS, FORAM MAIS DE 20 ANOS ATÉ QUE O BAIRRO CONSEGUISSSE TER OS SERVIÇOS DE ÁGUA E LUZ

CIDA ALVES

Assim como alguns outros bairros de Vitória, Andorinhas surgiu depois que parte da população começou a construir casas dentro do manguezal. Um dos primeiros a mudar para o bairro foi o policial militar aposentado Zounilho José Lima, 88 anos.

“Cheguei aqui em 1947, quando tudo ainda era mangue. Naquela época, Andorinhas tinha apenas duas casas. Nem carro entrava no bairro”, lembra seu Zounilho. Hoje, Andorinhas tem cerca de três mil habitantes.

Segundo ele, na época em que se mudou, o bairro sequer tinha nome. Seu Zounilho afirma que o nome foi colocado pelos moradores porque, como havia muita vegetação no local, as árvores viviam repletas de andorinhas.

Os moradores mais antigos lembram bem das casas de palafita espalhadas pelo mangue quase virgem e ligadas uma à outra por pinguelas - pontes

estreitas feitas de madeira. Os tempos eram difíceis, porque não havia infra-estrutura básica, como abastecimento de água e luz.

Para os afazeres do dia a dia, os moradores pegavam água em poços dentro de Andorinhas. Mas quando

precisavam de água para beber e cozinhar, tinham que buscar no canal da Ponte da Passagem ou em uma região próxima ao quartel de Maruípe.

Dona Nair Matheus Duarte, 71 anos, conta que o primeiro sinal de progresso que chegou

no bairro foi uma lavanderia pública, construída com o esforço das mulheres e crianças do local, que traziam latas de água na cabeça para ajudar os funcionários da prefeitura que faziam a obra.

“Depois de um tempo, no começo da década de 1970, o bairro finalmente ganhou serviços de água e luz”, conta dona Nair. Segundo ela, alguns anos depois o bairro começou a ser aterrado.

Dona Nair lembra que os homens costumavam viver da pesca de mariscos e da cata do caraquejo, e as mulheres de lavar roupa para fora.

O lazer das crianças era jogar futebol em um campo que ficava bem no meio do mangue. “Quando a maré subia, ninguém podia brincar, porque o mar ocupava tudo”, diz.

Mesmo depois de muito tempo vivendo no mesmo lugar, tanto dona Nair quanto seu Zounilho não pensam em deixar Andorinhas. “Já tentei viver em outros lugares, mas sempre volto para aqui. De Andorinhas eu só se for para viver em Maruípe: no cemitério”, brinca seu Zounilho.



LEMBRANÇAS. “Quando mudei para cá, só havia duas casas”, contou o policial militar aposentado Zounilho Lima.

PERSONAGENS

Eles lutaram pelo progresso da região



**MARIA DA PENHA ROMÂNIA
JOÃO ROMÂNIA
NAIR MATHEUS DUARTE**

Dirigentes comunitários

Tudo começou com trabalho voluntário na década de 1970. “A gente queria que o bairro crescesse, com condições para o pessoal viver”, conta dona Maria da Penha România, 68 anos. Com o tempo, foi inevitável que ela, o marido João România, 72, e a amiga Nair Matheus Duarte, 71, se tornassem lideranças comunitárias. “Foram mais de 18 anos trabalhando para a comunidade”, conta seu João.

Eles afirmam que, durante todo esse tempo, os vários avanços no bairro que acompanharam foram conquistados com a ajuda e o apoio da comunidade, que sempre aprovava tudo em assembléias.

A primeira das reivindicações atendidas foi o aterramento e as obras de saneamento básico do bairro, realizadas por volta de 1975. “Juntávamos os moradores para ir até a prefeitura exigir as melhorias. A gente juntava uns trocados e pagava a passagem de ônibus de quem não tinha dinheiro”, conta do Maria da Penha.

Depois do aterro, mesmo

sem calçamento, os moradores conseguiram que uma linha de ônibus passasse dentro de Andorinhas. “Na época, já eram pouco mais de mil moradores no bairro, e as ruas eram cobertas por pó de brita”, conta seu João.

Para dona Maria da Penha, uma das maiores conquistas da comunidade foram as construções da escola e da creche do bairro.

Eles contam que, nas idas e vindas à prefeitura e até ao palácio do governo do Estado, para levar as solicitações da comunidade, foram muitos os “chás-de-cadeira” que tomavam na espera para serem recebidos pelas autoridades.

O que vem por aí

TERÇA-FEIRA

Pequenos professores de congo

Eles têm entre 10 e 14 anos e aprenderam uma das manifestações culturais mais tradicionais do Estado: o congo. Agora, esses meninos serão voluntários do projeto “Vivendo a Infância com Amor e Arte” e ensinarão tudo o que sabem sobre o ritmo para seus colegas de bairro.

QUARTA-FEIRA

Buracos nas ruas incomodam moradores

Uma das antigas reivindicações da comunidade de Andorinhas é o asfaltamento do bairro. Os moradores reclamam dos buracos e desníveis das ruas. Segundo o Movimento Comunitário, Andorinhas é o único bairro da Grande Maruípe que ainda não recebeu asfalto.

QUINTA-FEIRA

Coral de crianças e adolescentes faz sucesso

O coral de crianças e adolescentes do projeto cultural Caminhando Juntos (Cajun) contagia o público por onde passa. Além de aprender a

cantar, os meninos também têm aulas de postura e entonação. O repertório é escolhido de acordo com a ocasião, e vai da MPB a músicas folclóricas. Mas o grupo não canta, apenas. Cheio de ritmo, o coral também prepara coreografias para as apresentações.

SEXTA-FEIRA

Coragem de arriscar foi o pontapé para o sucesso

A comerciante Marleide Pedro, 36 anos, começou a trabalhar ainda na adolescência. Foi estagiária no setor administrativo de algumas empresas e gerente de papelaria. Depois que teve a primeira filha, ela ficou um ano e meio fora do mercado. Quando decidiu voltar, com muita coragem resolveu montar o próprio negócio.

SÁBADO

Aprenda a andar pelo bairro com o mapa

Mapa ilustrado de Andorinhas traz o traçado de ruas, itinerário de ônibus e a localização de serviços de utilidade pública, como escolas, biblioteca comunitária e posto de saúde, além de igrejas, campo de futebol, praça, áreas de lazer, posto de gasolina e comércio em geral.